



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de liberação de recursos do BNDES para cooperativas de catadores de materiais recicláveis

Rio de Janeiro-RJ, 1º de outubro de 2007

Meu querido companheiro, governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral,

Meus queridos companheiros ministros de Estado Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Luciano Coutinho, presidente do BNDES, Deputados federais Edmilson Valentim e Hugo Leal, Meu querido companheiro Júlio Lancelotti, coordenador da Pastoral de Rua,

Senhoras prefeitas, senhores prefeitos, Minha querida companheira Maria das Graças Marçal, Nossa querida dona Geralda, líder da Associação de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis de Belo Horizonte,

Meu querido companheiro Roberto Lauriano da Rocha, presidente da Cooperativa de Reciclagem Unidos pelo Meio Ambiente, e também da entidade nacional que representa os catadores,

Companheiros e companheiras dirigentes e integrantes das cooperativas de materiais recicláveis,

Meus amigos e minhas amigas,

O problema de falar por último, depois de cinco ou seis discursos, é que as pessoas deixam a gente sem ter o que falar. Mas eu queria ter uma



pequena conversa com vocês, primeiro com o BNDES. Primeiro, uma palavra de agradecimento, Luciano, para os catadores saberem que esses companheiros do BNDES são gente da maior qualidade profissional, são economistas formados nas melhores universidades deste País, acho que todos com curso de pós-graduação nas melhores universidades do mundo. O Luciano Coutinho é um dos economistas mais respeitados do Brasil, conselheiro de grandes grupos econômicos que só o chamam quando estão quebrados para que ele tente ajudar a consertar.

E eu tenho certeza de que vocês ainda não tinham pensado em viver um momento como este: uma reunião com toda a direção do BNDES, com o governador do estado, com o presidente da República. Os clientes que estão hoje aqui, no Banco, não são os chamados clientes tradicionais que o Banco tem. Mas, certamente, são clientes que darão menos dor de cabeça a vocês do que qualquer outro cliente.

Se vocês repararem no discurso do Roberto, vocês irão atentar... e eu duvido que em algum momento que você tenha feito uma reunião aqui, alguém que tenha pego 500 milhões, 1 bilhão, 2 bilhões, tenha dito: "Olha, isso aqui é para pagar de verdade, precisa cumprir". Eu sei que não precisa pagar este empréstimo, porque isso faz parte do lucro do BNDES, uma pequena parcela que um dia pode ser aumentada, Luciano.

Mas vocês viram que a preocupação do Roberto, líder nacional dos catadores, era de dizer para vocês que é muito importante levar a sério o que está acontecendo aqui, hoje. Porque a partir do cumprimento das metas que vocês se comprometeram a cumprir, vocês terão novas conquistas, aumentará, certamente, o número de dinheiro emprestado e, certamente, vocês motivarão o aumento do número de cooperativas que aqui virão buscar dinheiro. Se não cumprirem a meta, vocês mesmos ficarão desestimulados, o BNDES ficará desestimulado, o Roberto ficará desestimulado, todo mundo ficará desestimulado e vamos chegar à conclusão de que não valeu a pena todo esse



trabalho maravilhoso. Portanto, Roberto, eu quero te dizer que não precisaria eu dizer mais nada, só as suas palavras de recomendação para tratar esse assunto com seriedade – e veja que você não precisa dizer isso, porque não vão ter que pagar esse dinheiro – são a demonstração de que vocês levam muito a sério o exercício da responsabilidade que foi delegado a vocês pelos catadores do Brasil inteiro. Muito obrigado.

Quero agradecer às cooperativas e aos companheiros catadores de materiais recicláveis. Agradecer porque vocês estão nos dando uma lição de vida, vocês estão conquistando os primeiros degraus da construção de uma cidadania. Qualquer um de nós que está aqui – jornalista, presidente da República e todo mundo que está de terno e gravata – certamente, se nós estivéssemos no Amarelinho tomando um chope e passasse um operário com um macacão, nós seríamos capazes de chamá-lo de companheiro. Mas, se passasse um catador com uma carroça, eu não sei se nós seríamos capazes de chamá-lo de companheiro. Porque foi criada, neste País, uma marca de que nós somos diferentes por aquilo que fazemos, pela ascendência social. O que vocês estão fazendo é consolidando um processo que, quando menos vocês esperarem, vocês passarão com a carrocinha de vocês num bar desses e terá alguém, como nós, tomando uma cerveja, que será capaz de dizer: “Companheiro, pare a carrocinha e venha tomar uma cerveja conosco”. Quando isso acontecer, nós teremos completado um ciclo de conquista de direitos humanos e conquista de cidadania neste País. Ainda teremos outras coisas para conquistar.

Mas eu lembro, Sérgio, que uma vez eu vim visitar um prefeito importante aqui, no Rio de Janeiro, não vou contar em que época, nem vou contar, para não macular. Eu estava com a Benedita da Silva, e a gente estava vindo de um comício na Baixada Fluminense. Naquele tempo, eu usava camiseta, não essa camisa de qualidade que as cooperativas estão usando agora, eram aquelas camisetas brancas que, depois de meia dúzia de



comícios, ficavam marrom. E eu lembro que cheguei com a Benedita no prédio e o porteiro falou assim para nós: “Vocês não podem entrar pelo elevador principal, têm que entrar pelo elevador de serviço”. Foi a primeira vez, já como político, que eu me senti um cidadão de terceira categoria. Porque, gente, se tem uma coisa abominável é você viver num país em que tem um elevador para um e um elevador para outro, que tem elevador para empregado (falha na gravação). Eu me lembro de que, na época, eu liguei para o prefeito e falei: “prefeito, eu não vou subir, porque eu não vou pelo elevador de serviço. Não é por nada não, é porque eu não estou trabalhando. Eu vim aqui fazer uma visita e eu quero entrar”. Então, o prefeito ficou nervoso e falou com o porteiro, porque certamente era uma figura simples, mas que tinha essa coisa: que pobre e preto têm que subir pelo elevador dos fundos e não pelo elevador da frente. Apenas para mostrar o quanto nós ainda temos que avançar. Nós temos que avançar muito porque nós retrocedemos.

Eu digo sempre que, quando eu era moleque, chegava um mendigo, barbado, mal-vestido, pedindo esmola na casa da gente, a minha mãe mandava ele entrar e dava comida para ele dentro de casa. Hoje, a gente bate o portão na cara e não atende, porque nós fomos doutrinados, eu diria quase que preparados, para ter medo, para achar que não podemos estar juntos com essas pessoas.

Quando, Roberto, você me diz que ainda tem cidade no Brasil em que, à noite, a forma que um prefeito utiliza para resolver o problema de um companheiro que está dormindo na rua é jogar um jato d’água gelado em cima dele, eu fico me perguntando como é que uma gente dessa é eleita prefeito, e como é que pode dar uma ordem para alguém jogar um jato d’água gelado num companheiro que está dormindo na rua porque, certamente, se tivesse um lugar melhor para dormir, ele não teria ido para a rua. Ali é um espaço que ele encontrou para dormir.

Então, se a gente vive num mundo como esse, o dia de hoje, meu caro



Luciano Coutinho, é uma marca. Você guarde este dia de hoje, o dia em que você comemora o teu aniversário no BNDES, porque eu sei que você fez aniversário no sábado, mas a festa vai ser hoje e eu não fui convidado. O dia de hoje é um dia que precisa calar bem fundo na tua consciência e na consciência dos companheiros diretores do BNDES, porque vocês estão fazendo uma página extraordinária da vida deste País. Afinal de contas, para que serve um governo?

Sérgio, você é governador, o Patrus já foi prefeito. Para que serve um governo? Tem uma parte da sociedade que certamente não precisa do governo. Eu, se não fosse presidente da República, um trabalhador qualificado pouco precisa do governo. Então, o governo precisa, além de induzir uma política industrial, induzir política científica, tecnológica, educação. O governo precisa atender exatamente aquela parte que mais necessita do Estado, aquela parte que não tem como reclamar, aquela parte que às vezes não tem nem sindicato. É para essa gente que o governo precisa se voltar e dar atenção.

Certamente a gente poderia citar três ou quatro grandes empresários brasileiros que precisam menos do governo do que uma mulher que sai de manhã, com a sua carroça, para catar não a sujeira que ela fez, mas que os outros que, muitas vezes, não gostam dela, fizeram, e humildemente vai catar e vai fazer daquilo o ganha-pão.

Eu dizia para o governador: muitas vezes a gente fica olhando as pessoas passando com a carroça na rua, às vezes, uma carroça pesada, às vezes, pessoas até com as crianças dentro da carroça e a gente não dá importância ao fato de que aquela pessoa está pacificamente exercendo a sua cidadania, ganhando o seu dinheiro e levando o sustento para casa, a gente não dá importância para ela. Agora, essa pessoa que não tem importância, exercendo a sua cidadania, certamente viraria manchete de jornal se em vez da carroça estivesse empunhando um revólver e assaltando uma pessoa nas principais avenidas deste País.



Então, na verdade, nós é que temos que agradecer a vocês, dar graças a Deus por vocês serem o que são, não terem vergonha de ser catadores de papel. Vocês não são menores do que ninguém, não são inferiores a ninguém, apenas não tiveram a oportunidade que outros tiveram, em outros momentos. E esse orgulho que vocês têm hoje, eu não tinha. Eu me lembro, Luciano, de que eu tinha mais ou menos uns nove anos de idade, vendia tapioca, amendoim, laranja, lá em Vicente de Carvalho, perto de Guarujá, e eu tinha vergonha de gritar: “olha a laranja, olha o amendoim, olha a tapioca”. E o meu irmão me dava cascudo porque eu tinha vergonha de gritar, porque tinha a vez de ele gritar e tinha a minha vez de gritar, e eu tinha vergonha. Então, vocês evoluíram muito mais do que eu, porque vocês têm orgulho de colocar a camiseta de vocês e falar: nós estamos trabalhando honestamente. E é com o suor e o sangue de vocês que vocês estão levando a comida para os seus filhos.

Mas eu queria, Luciano, dar um dado aqui, que eu achei extremamente importante. É que a reciclagem poupa energia e reduz o uso de recursos naturais em benefício do meio ambiente. O mercado brasileiro de sucata de alumínio, por exemplo, já garante mais de 50% do suprimento à indústria e gera 160 mil ocupações diretas e indiretas. Cada latinha de alumínio reciclada economiza energia elétrica equivalente a três horas de funcionamento de um aparelho de TV. Eu não sei se vocês sabem: as fábricas de alumínio consomem mais energia que bicho da seda, ou seja, são altamente gastadoras de energia. Então, veja a economia que esses meninos e essas meninas dão para o País. Na nossa casa, de vez em quando, alguém também não deixa a gente jogar fora a latinha, pega e guarda, porque todo mundo percebe que é importante para o País.

A liderança mundial do Brasil nessa atividade já proporciona ao País uma economia de energia elétrica equivalente ao consumo anual do estado do Pará inteiro. Todos vocês sabem: o Brasil é o campeão mundial de reciclagem.



Significa que nós temos uma atividade econômica, eu diria, extraordinária no País, que nem nós sabemos ainda que ela existe, mas ela existe. E ela é feita por essas mulheres, como a dona Geralda, como o Roberto, como essas meninas que vieram assinar o contrato aí, como esses meninos que vieram.

Eu queria dizer para vocês uma coisa: eu não sei se nós vamos poder fazer tudo que temos que fazer, porque essas coisas – fazer, aprovar leis, aprovar marco regulatório e concretizar – levam tempo e, às vezes, é mais fácil fazer um discurso e mais difícil concretizar uma lei. Mas eu queria dizer para vocês uma coisa: eu tenho mais três anos e meio, três anos e quatro meses, eu estou aumentando o meu mandato um mês. Eu quero aproveitar esse tempo, meus companheiros, para que a gente possa consolidar, para que a gente possa arrumar este País, porque é verdade que nós conseguimos arrumar a macroeconomia deste País. É verdade que qualquer economista de bom-senso neste País, por mais oposição que ele seja, por mais contra o governo Lula que ele seja, qualquer economista com um mínimo de honradez ao que ele aprendeu numa faculdade de economia, tem que dizer publicamente que este País nunca esteve tão arrumado como está agora, que nunca teve tanta solidez como tem agora.

Por isso é que nós temos condições de dar os passos seguintes. Nós agora podemos dar outros passos, nós agora poderemos fazer mais coisas. Aquilo que parecia impossível... Eu dizia ao Luciano, agora há pouco: “olhe, este País, durante três décadas, foi governado como se fosse um país que estava numa eterna UTI em estado de coma, tomando antibiótico pela veia, tomando antibiótico pela boca, ou seja, parecia em estado terminal, aquelas pessoas que ficam no tubo a vida inteira até morrer”. Este País estava assim, não é de um governo ou de outro não, há três décadas. São 30 anos de atrofiamento.

Então, nós conseguimos acertar o remédio, o paciente acordou do coma, o paciente levantou, recebeu alta do hospital. Então, nós, agora, temos



que convencer o presidente da República, o ministro da Fazenda, o presidente do BNDES, os ministros aqui presentes, o presidente do Banco do Brasil, da Caixa Econômica, de todas as instituições do governo e o próprio Congresso Nacional, nós temos todos que nos convencer que antibiótico a gente dá quando o paciente está muito enfermo. Quando ele está na rua, na Avenida Atlântica fazendo a sua ginástica, o seu cooper, ele não precisa mais de antibiótico, ele precisa de vitamina C. E vitamina C é isso que a gente está fazendo aqui, pegando as pessoas que precisam de empréstimo para progredir e dizendo: “Olha, não vai faltar dinheiro para a gente ajudar vocês”.

Eram 34 projetos aprovados e nós, hoje, Patrus, assinamos 24 projetos. Tem 10 que nos próximos dias sairão, e tudo o que for obstáculo nós vamos ter que ir tirando do nosso caminho, porque eu quero terminar o meu mandato com vocês sendo reconhecidos nacionalmente como uma profissão de verdade, de direito e de fato. Que ninguém olhe para uma mulher e para um homem que está na rua, transportando a sujeira que outros jogaram fora, com desdém, como se tivessem vendo uma pessoa menor, mais insignificante. Mas que as pessoas olhem para vocês e vejam em vocês brasileiros e brasileiras que fizeram uma opção de ganhar a vida honestamente, às custas do seu suor e do seu trabalho.

Muito obrigado, Luciano. Parabéns ao BNDES. Parabéns às cooperativas e parabéns ao Brasil.